VOZES INDÍGENAS NA HISTÓRIA: UM ESTUDO COMPARATIVO DE NARRATIVAS DIDÁTICAS.

Julie Thamiris Garcia Marques (PROVIC), Paulo Eduardo Dias de Mello (Orientador), e-mail: 24018389@gmail.br, paulodemello@uepg.br .

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de História.

História, História das Ciências.

Palavras-Chave: *Livro Didático, Indígenas, Narrativas, Estereótipos.*

Resumo

Esta pesquisa propõe analisar criticamente a representação dos povos originários nos livros didáticos de Alfredo Boulos Júnior, comparando edições anteriores e posteriores à Lei 11.645/2008 com narrativas indígenas. Objetiva identificar a evolução dessas representações, os impactos da legislação e propor soluções a partir da valorização das vozes indígenas, conforme Kayapó (2021), para uma educação decolonial.

Introdução

A historiografia brasileira marginalizou os povos indígenas a um papel secundário, com visões estereotipadas e eurocêntricas (BITTENCOURT; BERGAMASCHI, 2013). Essa distorção, evidente nos materiais didáticos, ilustra o “perigo de uma única história” (ADICHIE, 2019), com uma narrativa colonial que invisibiliza suas contribuições. É fundamental, como defende Kayapó (2020), que os próprios indígenas narrem sua história, reivindicando autoria para contrapor o silenciamento e construir uma representação autêntica de suas existências.

Materiais e Métodos

A metodologia incluiu levantamento bibliográfico e a seleção de três obras de Alfredo Boulos Júnior (1997, 2012 e 2016) para análise comparativa. Utilizou-se a análise histórico-semiótica das imagens (Mauad, 1990) e a hermenêutica filosófica (Gadamer, 2005) para examinar discurso e conteúdo. Para contrapor as narrativas, o estudo dialogou com perspectivas indígenas, tomando como referência o projeto Selvagem Ciclo, fundado por Ailton Krenak.

Resultados e Discussão

Os resultados revelam uma evolução limitada. O livro de 1997 retrata os indígenas como coadjuvantes passivos e vítimas, com imagens estereotipadas e uso do termo "índio". O de 2012 corrige a terminologia, mas mantém a invisibilidade do protagonismo indígena contemporâneo. Já a edição de 2016 aborda brevemente a questão atual, porém reduz o espaço sobre povos originários do Brasil e inclui civilizações pré-colombianas em um único capítulo. Em contraste, a narrativa do projeto de Ailton krenak, Selvagem Ciclo oferece uma representação humanizada, rica em arte e significados, expondo a lacuna nos materiais didáticos.

Conclusão ou Conclusões

Conclui-se que, apesar dos avanços formais propiciados pela lei, especialmente na edição de 2016, a perspectiva eurocêntrica permanece enraizada. Nota-se uma significativa carência de protagonismo indígena nas narrativas, citações e representações, indicando que a transformação necessária é mais profunda do que meras adequações terminológicas ou superficiais.

Agradecimentos

Agradeço profundamente ao meu orientador, Paulo, por ter me introduzido ao caminho da pesquisa, e aos meus colegas do CETEP, que estiveram sempre dispostos a me auxiliar na pesquisa.

PESCA, Adriana Barbosa; DE OLIVEIRA FERNANDES, Alexandre; KAYAPÓ, Edson. POR UMA ESCRITA INDÍGENA: Meu ser, minha voz, minha autoria. **Revista Pindorama**, v. 11, n. 1, p. 187-201, 2020.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes; BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Apresentação-Dossiê ensino de história indígena. **Revista História Hoje**, v. 1, n. 2, p. 13-19, 2012.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ISSN 1676-0093